

Os EUA como ‘barão ladrão’ do mundo

Por *Dani Rodrik*

Valor, 07/07/2026

A política de Trump equivale à dos industriais gananciosos dos anos 1880

Num artigo notável publicado no final de junho, um ex-economista de destaque do governo Trump reconhece (e assina embaixo) o que muitos já suspeitavam: a função da política econômica externa de Trump é agir como um “barão ladrão” do século 21.

Os “barões ladrões” originais eram industriais gananciosos que enriqueceram através de práticas monopolistas nos EUA durante a Era Dourada. No fim do século 19, homens como John Rockefeller e Andrew Carnegie acumularam fortunas ao suprimir a concorrência e cobrar preços exorbitantes em setores como petróleo e aço.

Eram chamados de “ladrões” porque explorar os consumidores para enriquecer é provavelmente a prática empresarial mais infame do mundo. Mas é exatamente isso que os EUA vêm fazendo ao longo do último ano e meio, afirma com orgulho Stephen Miran, presidente do Conselho de Assessores Econômicos do presidente Trump até fevereiro de 2026. Miran aplaude esta abordagem, argumentando que ela tem feito maravilhas pelos EUA (os estrangeiros que lutem!).

É claro que Miran não expõe seu ponto de vista com tanta clareza. Envolvendo seu argumento em termos técnicos que obscurecem todas as suas implicações, ele recorre ao conceito econômico da “tarifa ótima”, segundo a qual um país pode melhorar sua situação econômica aplicando impostos protecionistas sobre as importações. É claro que tal estratégia só funciona se um país for grande o bastante para exercer poder de mercado na economia mundial - ou seja, se agir como um monopolista. Uma política de tarifa ótima é o equivalente, em nível nacional, à estratégia aperfeiçoada pela Standard Oil de Rockefeller na década de 1880.

Ao reduzir a demanda pelos bens vendidos por seus parceiros comerciais (e, de forma equivalente, reduzir a oferta de suas próprias exportações nos mercados mundiais), a tarifa ótima altera os preços do mercado mundial a favor da economia nacional, fazendo com que, em essência, sejam os estrangeiros que arcam com grande parte da tarifa. Quando a tarifa é fixada no nível certo, o que quer que o país perca em termos de ganhos com o comércio é mais que compensado pelas rendas de monopólio. Os perdedores são os parceiros comerciais do país (e a economia mundial como um todo).

Embora esta seja o arquétipo da dinâmica de “empobrecer o vizinho”, Miran a considera um excelente negócio para os EUA, porque mata dois coelhos com uma cajadada só. Para além das rendas de monopólio, a política permite ao governo federal reduzir ineficiências associadas aos impostos internos. As tarifas geram receitas para o Tesouro, que podem ser usadas para compensar perdas de receita decorrentes da redução de outros impostos, como os sobre o rendimento. A lógica econômica, na visão dele, é impecável.

Uma dificuldade está no fato de que, apesar da sua dimensão e aparente poder de mercado, os EUA podem não ter tanta capacidade para obrigar estrangeiros a pagar tarifas como pensa Miran. Dados recentes sugerem que a maior parte, se não a totalidade, das tarifas dos EUA repercute nos consumidores nacionais.

Mas o problema com o argumento de Miran reside noutro ponto. É difícil acreditar que, nos dias de hoje, faça sentido uma grande potência cobrar tributos de outros países de forma tão descarada. Ao apresentar seu cálculo frio, Miran parece não ter considerado a perda de reputação e credibilidade que os EUA sofreram ao agir como um “barão ladrão”. A queda de prestígio até se tornarem párias internacionais pode não ser fácil de quantificar em dólares; mas é, ainda assim, significativa.

Miran pode não se importar com a posição dos EUA no mundo, mas o argumento econômico dele acaba sendo contraproducente. Quando economistas discutem a tarifa ótima, eles alertam que ela não funciona no longo prazo. Afinal, mais de um país pode entrar nesse jogo. A União Europeia e a China representam cotas do comércio mundial aproximadamente semelhantes às dos EUA. Quando os EUA aumentam suas tarifas para melhorar seus termos de troca, outras potências comerciais mundiais podem fazer o mesmo. E uma vez que a retaliação neutraliza os efeitos nos termos de troca, mas amplifica a perda nos ganhos decorrentes do comércio (deixando todos os países - inclusive EUA - em pior situação), ela pode constituir um dissuasor eficaz.

Miran afirma que não houve retaliação quando Trump impôs pela primeira vez suas tarifas, o que ele vê como um golpe contra os economistas que alegavam que a tarifa ótima falharia. Porém, embora seja verdade que a resposta europeia tenha sido moderada, a China retaliou de fato contra as tarifas do “Dia da Libertação”. Prometendo igualar cada novo aumento de tarifas por parte dos EUA, o Ministério do Comércio chinês afirmou: “A China lutará até ao fim se os EUA estiverem determinados a seguir o caminho errado”. EUA e China acabaram reduzindo suas tarifas.

Ironicamente, a disposição de Miran para dizer em voz alta o que em geral se mantém em silêncio garante que outros, incluindo a UE, irão optar por retaliar se os EUA persistirem em sua lógica da tarifa ótima. Uma coisa é alguém alegar que vai aumentar tarifas por motivos de segurança nacional ou porque pretende revitalizar a indústria nacional. Estes são objetivos plausíveis de política interna, mesmo que se possa discordar sobre a utilidade das tarifas de importação para alcançá-los. Outra coisa bem diferente é afirmar, como faz Miran, que o objetivo é extrair rendimentos de monopólio de países estrangeiros por meio da manipulação dos seus termos de troca. Quando isso é apresentado de forma tão clara como objetivo, os outros reagirão de acordo.

Eu estava entre aqueles que se opuseram à retaliação há um ano, porque acreditava que Trump era imune aos danos que as tarifas elevadas (internamente ou no exterior) causariam à economia dos EUA. A lógica da retaliação só funciona se os líderes políticos entendem as consequências econômicas das tarifas elevadas e se preocupam com os ganhos decorrentes do comércio. O paradoxo é que, ao substituir a ilógica de Trump por uma lógica econômica que agora justifica plenamente a retaliação de outros países, o argumento de Miran acaba minando a si próprio.

Uma política comercial baseada no argumento da tarifa ótima equivale a uma afirmação descarada de poder econômico destinada a prejudicar os outros, incluindo aliados de longa data na Europa e na Ásia Oriental. Tal abordagem proporciona, na melhor das hipóteses, ganhos de curto prazo às custas do soft power e da liderança global. É também economicamente contraproducente e irá sem dúvida sair pela culatra.

Dani Rodrik, professor de economia política internacional na Harvard Kennedy School, é ex-presidente da Associação econômica Internacional. Copyright: Project Syndicate, 2026.

